

# Em sessão confusa, o sistema do voto eletrônico é aprovado

3. DEZ 1987

CORREIO BRAZILIENSE

Durante cinquenta e cinco minutos muitos constituintes passaram por maus momentos na sessão de ontem pela manhã. Nenhum projeto importante estava sendo votado, nem um acordo estava sendo fechado. Era uma simples sessão de treino do sistema eletrônico de votação mas que se transformou numa verdadeira batalha entre parlamentares e botões de controle dos terminais eletrônicos de votação.

A qualquer dos constituintes indagados sobre as dificuldades encontradas, a resposta era a mesma: "é um sistema muito simples, não há mistério". Mas na prática, o painel mostrava uma outra situação — a falta de registro do nome do parlamentar, comprovando o erro de muitos no momento da operação. A confusão era tanta, feita pelos constituintes, que foi necessário que os técnicos do Congresso descessem ao Plenário para ajudá-los. Frustrados por não verem seus nomes registrados no painel, os parlamentares recorriam a um dos quatro postos avulsos de votação, logo após a votação simultânea do plenário e da mesa.

## AULAS

Antes de iniciar a sessão — prevista para as 10 horas e que só começou meia hora depois — alguns deputados e senadores foram buscar explicações junto a colegas mais esclarecidos sobre o sistema. O primeiro deles, o deputado Amaury Muller (PDT-RS) recorreu aos técnicos, embora tenha afirmado que já estava familiarizado "de certa forma" com o sistema porque participou da Comissão de Sistematização. No entanto, a sua participação, até então, restringia-se à chamada nominal, porque era suplente, do seu partido, na Sistematização. Dirigiu-se à mesa da Constituinte, e, atentamente, ouviu dos técnicos, a maneira correta de se processar uma votação.

Já no fundo do plenário, um grupo discreto de deputados recebia toda a orientação do deputado José Camargo (PFL-SP), que muito a vontade em suas explicações dividiu a rápida missão de professor com o senador Marco Maciel, que acabava de chegar para a sessão. O deputado garantia, momentos antes de iniciados os treinos que todos sabiam digitar muito bem.

As dez e meia, chega o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães para abrir a sessão (logo depois ele se retirou para encontrar-se com o presidente José Sarney). Falando pausadamente, o deputado pede a todos que votem como se estivessem votando um projeto qualquer. Em seguida, Ulysses anuncia que todos irão receber da Mesa informações por escrito sobre todo o processo eletrônico de votação.

Com enorme paciência, Ulysses esclarece às mais variadas indagações dos constituintes — desde a possibilidade de correção de um voto registrado indevidamente até o pedido para que as poltronas do Plenário sejam utilizadas somente por constituintes. Antes de se ausentar, o presidente da Constituinte afirmou que o mecanismo é simples e será um elemento importante para a votação das decisões. Com a ajuda do sistema eletrônico, disse, a Constituição poderá ser promulgada no final de janeiro.

## VOTAÇÃO

O primeiro, dos cinco treinos a que foram submetidos os parlamentares, já mostrava um índice considerável de erros. Logo após proclamado o resultado, o painel registrava 64 votantes. Teve início, então, o processo de votação nos postos avulsos, próximos a Mesa, para aqueles parlamentares que não conseguiram registrar seus nomes. No final, 82 constituintes votaram, sendo que 62 votaram sim, 14 não e seis se abstiveram. Pouco antes dessa votação, o deputado Juarez Antunes (PDT-RJ), para que não se votasse

qualquer coisa, sugeriu que a votação seria sobre o mandato de quatro anos. Foi suficiente para arrancar risadas e alguma descontração do plenário até então, apreensivo.

Se a diferença entre o resultado parcial e o definitivo da primeira votação foi grande, maior foi no treino seguinte. Quando o senador Mauro Benevides, presidindo a sessão, declara que 70 constituintes haviam registrado seus votos, pede aos presentes "que se sentiam frustrados", para comparecerem aos postos avulsos. Terminado o processo de votação, 116 constituintes haviam feito suas opções. Este foi o maior número de parlamentares registrados em toda a sessão da manhã, mostrando o pouco interesse dos constituintes pelos treinos.

Os terceiro e quarto treinos, mostravam que os poucos presentes já haviam dominado o sistema pois, ninguém precisou recorrer aos avulsos. Após a quarta votação, o deputado Jorge Arbage, (PDS-PA), presidindo a sessão, declarou que "o teste está aprovado". Mas, para não restar nenhuma dúvida pediu nova votação. A margem de erro foi pequena — no resultado parcial, 25 constituintes votaram e o resultado final apontava 28 votantes.

## FRAUDES

O atual sistema eletrônico foi idealizado de forma a impedir a ação dos "planistas", parlamentares flagrados na legislatura passada, ao votarem, simultaneamente, em dois lugares. Imaginava-se que pelo sistema eletrônico esse tipo de fraude não mais seria possível porque

exige o uso das duas mãos no ato da votação. Mas nem tudo é perfeito. Para o deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP) ainda é possível um mesmo parlamentar votar duas vezes. Durante a sessão dos treinos de ontem, ele lembrou que um mesmo constituinte pode votar no seu lugar e em seguida, ir ao avulso e votar por outro colega.

Já o deputado Amaury Muller estava indignado de ter que votar com as duas mãos. "É uma humilhação desnecessária", dizia. Antes mesmo de iniciada a sessão, o deputado avisava que iria protestar contra esse sistema. Para ele, não significa que haja desonestos numa Assembléia Constituinte, pelo simples fato de no passado, terem existido planistas. E fez o que prometeu. Durante a sessão, registrou seu protesto, lembrando que existe em Direito um dogma pelo qual todos são inocentes até que se prove em contrário.

## ERROS

Segundo informaram alguns técnicos o maior erro registrado se dá quando o deputado solta os registros, antes que todas as luzes do seu painel, nas suas mesas de votação, se apaguem. A partir do momento em que o presidente pressiona a tecla de resultado, são necessários apenas cinco segundos para que os constituintes permaneçam em seus lugares, girando simultaneamente uma chave, embaixo da mesa, e pressionando um botão de registro. Mas muitos se confundem e largam antes da operação se processar e o resultado é não terem seus nomes registrados.

Se todos respeitassem as etapas de votação, não haveria erros. O primeiro passo é a digitação do número da carteira parlamentar, que corresponde ao número, no Congresso Nacional, de cada deputado e senador. Em seguida, digitam o código secreto, reservado a cada parlamentar. A etapa seguinte é a opção de voto, que se dá ao pressionar um dos botões correspondentes ao sim, não ou abstenção. A última fase de votação, e a mais importante, é o registro do voto, quando o deputado gira, com a mão esquerda uma chave e, com a direita pressiona outro botão para que o processo se finalize.

## Fraude ainda pode ocorrer

Apesar de já ter constatada a possibilidade de fraude na votação, a Mesa da Assembléia Nacional Constituinte não irá adotar nenhuma providência para evitá-la. Ela prefere acreditar que nenhum parlamentar irá correr o risco de ser flagrado votando duas vezes.

Para que isso acontecesse, bastaria que o parlamentar fosse denunciado por um outro que estivesse

sentado ao seu lado no momento do registro do voto e o visse utilizando um dos postos avulsos. Mesmo uma foto seria facilmente obtida — como já ocorreu no episódio que ficou conhecido como "planistas", em que parlamentares foram fotografados votando por outros. A Mesa da Constituinte considera, porém, que a constatação da possibilidade de fraude não inviabiliza o sistema eletrônico de votação.